



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI – POETA PINTO DE MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

LUANA MAYARA DA SILVA GONÇALVES

**O PROCESSO DE SINGULARIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NO
CONTO *MISS ALGRAVE*, DE CLARICE LISPECTOR**

MONTEIRO - PB

2018

LUANA MAYARA DA SILVA GONÇALVES

**O PROCESSO DE SINGULARIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NO
CONTO *MISS ALGRAVE*, DE CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade de Artigo, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI, como requisito parcial para a obtenção do Título de Graduada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Joana Dar'k Costa

MONTEIRO – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G635p Gonçalves, Luana Mayara da Silva.
O processo de singularização da subjetividade feminina no conto *Miss Algrave*, de Clarice Lispector [manuscrito] : / Luana Mayara da Silva Gonçalves. - 2018.
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Joana Dar'K Costa, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Clarice Lispector. 2. Singularização da subjetividade. 3. Capitalismo. 4. Miss Algrave (Conto) .

21. ed. CDD 305.4

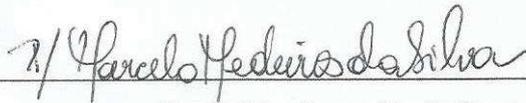
LUANA MAYARA DA SILVA GONÇALVES

**O PROCESSO DE SINGULARIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NO
CONTO *MISS ALGRAVE*, DE CLARICE LISPECTOR**

TCC, na modalidade de Artigo
apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, Campus VI, como
requisito parcial para a obtenção do
Título de Licenciada em Letras.

Aprovado em 01 de Setembro de 2018.

COMISSÃO EXAMINADORA



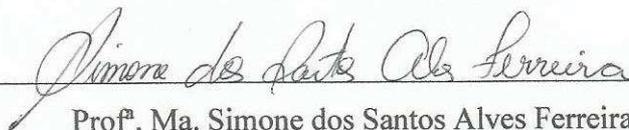
Prof.ª. Ma. Joana Dar'k Costa

UEPB
Orientadora



Prof. Me. Adeilson da Silva Tavares

UEPB



Prof.ª. Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira

UEPB

Dedico a Deus, a minha família e aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado pelos caminhos da vida, apoiando e, principalmente, acreditando nas minhas potencialidades.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus por me dar forças pra concluir todos os obstáculos ao longo desses anos, ao meu pai, Nivaldo, por todo apoio e carinho.

À minha mãe, Maria Joana, por ter sonhado junto comigo, sempre esteve ao meu lado desde o início, incentivando-me para não desistir e não perder o foco mesmo com todas as dificuldades;

À minha irmã Maria da Paz, pela paciência e cumplicidade, irmã que sempre esteve ao meu lado;

À minha amiga e irmã Josilma Morato que acompanhou e me apoiou durante essa trajetória me mostrando sempre que sou capaz;

À minha companheira, Rafaelle Myrelle, por estar comigo lutando e por muito me incentivou para realização desse sonho;

À minha orientadora, Joana Dar'k Costa, pelos ensinamentos, por cada palavra, pela paciência e dedicação. Considero-a uma excelente profissional por quem nutro uma profunda admiração;

Minha gratidão a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica;

Agradeço aos professores Marcelo Medeiros, Simone Alves e Adeilson Tavares por aceitarem o convite para participarem da minha banca examinadora, dando as contribuições necessárias para o aprimoramento deste trabalho;

Aos meus amigos de turma que conquistei, Anielle, Valdinete, Evelen, Renato, Camila, Maria José, vocês foram fundamentais para a minha trajetória dando o apoio e a força que eu precisava. Vocês me ensinaram a ser forte, muito obrigada.

“[...] Mas pode ser que essa instituição e esse desejo não sejam outra coisa senão duas réplicas opostas a uma mesma inquietação: inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de suportar lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades”
(MICHEL FOUCAULT)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES.....	12
2.1. SUBJETIVIDADE E CAPITALISMO	16
2.2. SINGULARIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE	18
3. <i>MISS ALGRAVE</i> : A COMPOSIÇÃO DE NOVOS TERRITÓRIOS DA SUBJETIVIDADE FEMININA.....	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25

O PROCESSO DE SINGULARIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NO CONTO *MISS ALGRAVE*, DE CLARICE LISPECTOR

Luana Mayara da Silva Gonçalves

RESUMO

A escrita literária de autoria feminina, no Brasil, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, caracteriza-se pela tematização do corpo como espaço de possibilidades de emancipação da mulher. Neste sentido, o aspecto erótico é trabalhado como lócus de dramas em que estão envolvidos estereótipos, estratégias de poder e táticas de libertação. A obra de Clarice Lispector (1926-1977) insere-se neste campo de abordagens. A mulher, em Clarice, vive a experiência da descoberta e o cuidado de si através da tematização do corpo e dos desvelamentos pelos quais passa suas personagens femininas ocasionados pelo estopim de um processos, a que se convencionou chamar em teoria literária de *epifania*. Processo vertiginoso de elucidação e transformação da subjetividade que modifica os modos de sentir, perceber e de se comportar no mundo. Neste sentido, o presente trabalho tem como . Para tal empreendimento, utilizamos como aporte teórico as elaborações de Gilles Deleuze (1995), Félix Guattari (2011) e Suely Rolnik (2011) acerca dos processos de subjetivações no mundo contemporâneo. Em nossas análises, evidenciamos que o conto aborda os conflitos e tensões da personagem Ruth Algrave em relação aos seus processos subjetivos. A subjetividade da protagonista a princípio encontra-se amarrada aos regimes de verdades e padrões socialmente instituídos desde a sua infância, mas no decorrer da trama ela tenta desprender-se dessas estruturas subjetivas normatizada, produzindo movimentos de singularização de sua subjetividade, instituindo um novo modo de ser e de viver.

Palavras-Chave: Clarice Lispector; Singularização da Subjetividade; Capitalismo; Miss Algrave (Conto).

1. INTRODUÇÃO

A partir do século XVIII até o XX, verifica-se uma estrondosa transformação no campo da epistemologia humana e social, com mudanças de abordagens e releituras críticas de conceitos caros aos princípios que embasavam a crença (se assim se pode dizer) na emancipação humana pela via da subjetivação humanista. O projeto da modernidade acreditava numa concepção humanista de subjetividade como ferramenta indispensável para a instauração da liberdade e autonomia individuais e coletivas.

Sobretudo do meio para o fim do século XX, desenrola-se uma tendência de substituição de uma filosofia do sujeito para uma filosofia da diferença, evento filosófico e científico que vai marcar a época do que se pode chamar de crítica da modernidade, tal como foi pensada enquanto projeto soteriológico. A este fenômeno epistêmico se convencionou designar de *pós-modernidade*, a morte do autor, o crepúsculo do sujeito, a exaustão do homem, o fim das grandes narrativas fundadoras da concepção moderna de redenção humana pela via da noção da subjetividade estática, imutável e consolidada. Ao invés dessa noção, engendra-se e ganha sustança uma crítica do sujeito elaborada a partir da fragmentação, da fratura, da ruptura, dos agenciamentos sociais de padronização e, evidentemente, da busca de uma saída para a confecção de novas formas de subjetividade, (DELACAMPAGNE, 1997)

Concomitantemente a tal fenômeno filosófico, epistêmico e cultural, ocorre, no campo da produção artística, mais especificamente, no que tange aos objetivos do nosso trabalho, à elaboração das narrativas literárias, a tendência para a configuração de uma literatura de quebra de paradigmas, que prefere construir uma representação da realidade calcada na contrafação, na desconstrução de modelos de comportamentos sacralizados. Ao sujeito humano caracterizado pela marca imanente do macho adulto branco, exprimindo seus dilemas existenciais baseados numa noção essencial de humanidade ligada a tais características, a literatura da diferença opõe a constituição concreta da alteridade. Dessa forma, se lança ao campo das discussões sobre a urgência e emergência de novas configurações de subjetividades. Parece evidente que as problemáticas existenciais não são abolidas dos universos ficcionais, entretanto, agora passam a conferir-lhes concretude, delimitação, consideração de problemáticas bem específicas, evidenciadas no universo social.

A escrita literária feminina é uma das grandes energias configuradoras dessa tendência. E o corpo, então, ganha *status* de temática literária, problemática poética. A literatura produzida por mulheres vincula-se, sobremaneira, à tematização e discussão do

corpo, suas vicissitudes, demandas, escolhas, dramas, e às formas de como o exercício dessa corporalidade, do cuidado e da compreensão de si, marcam a questão da constituição das subjetividades.

Na literatura feminina brasileira, uma obra produzida pela inserção da tematização do corpo, suas demandas, escolhas, gozos, emancipações e tiranias, é a de Clarice Lispector (1926-1977), com narrativas que deslizam claramente de um existencialismo muitas vezes aproximado de certa metafísica para a discussão da crise do sujeito, tendências que reverberam na representação da problemática da condição feminina afetada pela consciência da diferença, a partir da experiencição das delícias e agruras do império das exigências do corpo. É a crise do sujeito discutida.; De acordo com Bosi (2006, p. 424),

Há na gênese de seus contos e romances uma exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise, perdida no labirinto da memória e da autoanálise, reclamando um novo equilíbrio, que se fará pela recuperação do objeto. Não mais na esfera convencional de algo-que-existe-para-o-eu (nível psicológico), mas esfera da própria e irreduzível realidade.

É a realidade, composta por todas as suas vicissitudes, o mundo das experiências concretas, desestabilizadoras, múltiplas e constantes, que ao fraturar a noção solidificada do sujeito humanista, o coloca em crise, apresentando novas constituições de subjetividades, fluidas, nômades, fronteiriças. Subjetividades afetadas e marcadas por agenciamentos de poder, forjados dentro das instituições da sociedade capitalista, fadadas a processos de padronização. Subjetividades que, entretanto, podem buscar formas e estratégias de resistência e, assim, constitui-se, e ser constituídas, mediante processos de singularização, conceito que abordaremos mais adiante, no decorrer da discussão dos norteamentos teóricos de nosso trabalho.

A discussão que propomos é sobre a constituição da subjetividade no conto *Miss Algrave*, de Clarice Lispector, privilegiando-se a análise do processo de singularização que ocorre no nível da protagonista da narrativa. Interessa-nos tentar acompanhar e analisar a transformação que ocorre no modo de se comportar e de apreender o mundo, transformação radical, profunda e energética que afeta a personagem Ruth Algrave, protagonista do conto. Deste modo, elegemos como questões norteadoras do trabalho: De que maneira ocorre esse processo transformador, considerando-se os recursos da narrativa, como a configuração de um evento insólito e o desvelamento epifânico? Como se dá a relação desse processo com o processo de singularização da subjetividade?

Como aporte teórico recorreremos aos estudos e elaborações sobre a temática da subjetividade de Gilles Deleuze (1995) Félix Guattari (2011), Suely Rolnik (2011) dentre outros autores que comungam dessa mesma linha teórica. A noção de produção de subjetividades delineada por esses autores afirma uma ruptura com os substancialismos que consideram o ser como uma unidade fundada sobre si mesma. Ao invés de se pensar um sujeito de contornos limitados e fechado em si, autores como Guattari e Rolnik (2008), definem a noção de subjetividade como um sistema aberto, constituído de múltiplas e diferentes forças, componentes de subjetivação, que se ligam e religam de forma rizomática, produzindo modos de ser e de viver. Para Guattari (2011), a subjetividade é produzida coletivamente por instâncias individuais, coletivas e institucionais. Para Rolnik (1999), a subjetividade é algo em constante mudança, ou seja, processo em que se estabelece um *devenir*, contínuo movimento em direção à mudança, movimento que está suscetível a ser tocado pelas diversas forças que operam na constituição do mundo dos sujeitos, como, por exemplo, trabalho, religião, casa, mídia, entre outras.

Portanto, partindo dessa linhagem teórica, nos propomos a acompanhar os movimentos que compõem o cenário subjetivo da personagem protagonista do conto “Miss Algrave” que tenta desprender-se de estruturas subjetivas cristalizadas, subvertendo os códigos, costumes e valores de seu meio social e conectando-se com outras possibilidades de viver.

2. O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

“Sem dúvida, em nossos dias, o objetivo principal não é o de descobrir o que somos, mas sim o de recusar o que somos. Devemos imaginar e construir aquilo que poderíamos ser [...], devemos promover novas formas de subjetividade recusando o tipo de individualidade que nos foi imposto por tantos séculos.”
(Michel Foucault)

Como pressupostos teóricos que fundamentarão a análise que propomos para o conto “Miss Algrave”, de Clarice Lispector, cremos que as noções e conceitos, implicados no pensamento de Gilles Deleuze (1995), Felix Guattari (2011) e Suely Ronilk (2011) acerca da subjetividade, podem ser os fios condutores para a interpretação da transformação desejante que se opera no nível da figura (personagem) de Ruth Algrave. Verdadeiro caos que se lança

para um outro território de subjetividade, desconstruindo a ideia de sujeito hirto e imutável, em direção libertária rumo (e em companhia) a uma emancipação que, entretanto, não sabe nem domina para onde e até onde vai. Trata-se de uma concepção de subjetividade delineada como processo de constante transformação e construção.

A subjetividade por muito tempo foi relacionada a uma identidade individual uma existência de uma essência humana. O pensamento humanista, tenha ele as feições do renascimento clássico, do racionalismo cartesiano, do iluminismo ou traços mais contemporâneos, tem como base a crença necessária na soberania do sujeito. Uma concepção de subjetividade que implica a inescapável noção de certa constância, alguma autonomia sobre si e sobre os eventos que circundam o sujeito, qualquer ideia que aponte para a fixidez, para um conceito minimamente calcado na ideia de soberania do sujeito como detentor do controle de sua experiência no mundo, modelador dos contornos e do miolo do que é.

Ocorre que, na modernidade tardia (HALL, 2006), ou pós-modernidade para alguns teóricos, o universo epistêmico, já como processo mesmo que vinha se desenrolando desde as intuições ou ponderações irracionistas do século XVIII e que ganham força, no século XX, sobretudo a partir de sua segunda metade, tende a substituir o que podemos chamar de filosofia do sujeito para a filosofia da diferença. A partir deste momento, a construção ou aquisição da compreensão da subjetividade (constituição de si, configuração do eu) não se dá, como afirmava o conjunto de premissas interpretativas cartesianas, por alguma intuição imediata, ou seja, não há mais uma concepção fixa e absoluta de imanência do homem soberano e autônomo no processo de percebimento e entendimento de si. Essa compreensão agora se dá a partir das experiências concretas e específicas, em consonância com as demandas, escolhas e necessidades concretas do mundo social e cultural dos sujeitos. Tudo de maneira meio caótica, sem centro ordenador, desprovida de eixo instaurador, sem hierarquia.

Os autores Félix Guattari (2011) , Gilles Deleuze (1995), Suely Ronilk (1999) entre outros, fazem uma crítica ao modelo epistêmico clássico que parece separar o sujeito individual da sociedade, propondo uma concepção de subjetividade múltipla e em constante transformação, cuja construção tem como característica principal a permanente mudança, processo no qual ocorrem cruzamentos múltiplos entre componentes de subjetivação que se ligam, se rompem, se religam, configurando, desse modo, a constituição da subjetividade.

Guattari propõe uma definição da subjetividade como “o conjunto das condições que tornam possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (GUATTARI, 2011, p.19).

Os referidos autores citados anteriormente são os precursores de uma nova abordagem teórica da Psicologia, denominada, esquizoanálise. O conceito de esquizoanálise, de alguma medida, relaciona-se com o enfoque psicanalítico, ao menos na medida em que toma a psicanálise como discurso epistêmico a ser questionado. Se Freud falava em “pulsão”, Deleuze e Guattari falam em “máquinas desejanças”. Nas obras *Anti-Édipo* e *Mil Platôs*, a noção de subjetividade, segundo a perspectiva da esquizoanálise, desconstrói o que é a noção basilar da psicanálise, ou seja, a inexorabilidade de um inconsciente como depósito de conteúdos reprimidos pela censura social, pelo superego. Para a esquizoanálise, o inconsciente é marcado pela multiplicidade constituída por ampla e multifusa discussão dentro de um dado contexto. Esquizoanálise aponta para a abordagem das fraturas, dos fragmentos, enfim, as multiplicidades complexas de que é formada a subjetividade.

Deleuze e Guattari (1995) propõem que o inconsciente não se limita a um reservatório de desejos incestuosos. Nesse sentido, propõem um novo jeito de pensar o inconsciente, compreendido como um conjunto dos muitos que habitam a subjetividade, uma fábrica em se produzir agenciamentos coletivos que, por sua vez, estão sempre produzindo, através de novas experimentações, amplas e várias conexões que suscitam novas possibilidades. De acordo com Dews (1996, p. 54), “[...] em Deleuze e Guattari, a fragmentação esquizofrênica da experiência e a perda da identidade são celebradas como uma libertação do eu forjado pelo Complexo de Édipo”.

As visões de Deleuze e Guattari (1995) sobre a subjetividade constituída de forma múltipla e sem o caráter da unicidade, exclusiva do indivíduo, serão o argumento que se oporá à noção cristalizada do *Édipo* como centro formador da individualidade, o complexo repressor constituinte da subjetividade. Ressalta-se, então, a produção da subjetividade como processo heterogêneo, resultante de estímulos diversos que vão muito além das percepções de cada indivíduo.

Nesse tipo de visão, a ordem não se faz partindo-se de um elementar indiferenciado para um complexo diferenciado: a subjetividade não se define por uma só e mesma figura, que se estabeleceria na infância e se desenvolveria ao longo da vida. As figuras são várias: elas tomam consistência a partir de limiares caóticos que vão se produzindo, um após outro, do começo ao fim da existência..(ROLNIK,1999,P05)

Os autores Deleuze e Guattari constroem o seu pensamento apresentando primeiro o conceito criado para propor a teoria da multiplicidade segundo a qual essa subjetividade pode ser comparada a um rizoma. O conceito de rizoma, por sua vez, estabelece ligações com a noção de cartografia proposta na obra *Mil Platôs* (1995). Aqui o pensamento filosófico que

ambos os autores propõem sobre a formação da subjetividade tende a concebê-la como um movimento que ocorre à maneira rizomática, ou seja, como uma rede constituída por inúmeras ramificações que se conectam e desconectam constantemente, dissolvendo-se, desse modo, a ideia de raiz, de causa, de princípio e fim.

Neste ponto, consideramos importante tecer algumas linhas sobre o que configura, no pensamento de Deleuze e Guattari (1995, p.11-37), o conceito de rizoma. Os autores tomam emprestado o termo das ciências biológicas e lhe conferem, mediante associação, um conjunto de atributos filosóficos ligados à horizontalidade e ausência de hierarquia. O termo rizoma, usado na Botânica, refere-se a um tipo de caule subterrâneo que cresce horizontalmente com raízes ramificadas que estão expostas e se reproduzem, possuindo a capacidade de se conectar a qualquer outro ponto de uma árvore, produzindo novos ramos. A ideia de um ponto principal, inicial, seguido por pontos subsequentes que obedeçam a uma ordem de primazia verticalizada é derrubada por terra. A ideia de rizoma ganha, então, o estatuto de uma categoria filosófica relacionada à noção da criação de uma rede imperceptível e não hierarquizada, uma rede de conexões múltiplas e descentralizadas, uma vez que não há centro ordenador. (ANDREATA; TRAVASSOS, 1994)

Assim, pode-se afirmar que uma das características do rizoma é a de possuir sempre múltiplas entradas, podendo ser acessado de infinitos pontos, remetendo a quaisquer outros pontos em seus territórios. De acordo com os autores, “O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.22).

As cartografias rizomáticas se fazem como mapa de multiplicidades mostrando assim que o rizoma não pode ser moldado seguindo uma estrutura fixa, ossificada e imutável. Deleuze e Guattari (1995) apresentam a ideia do mapa, na medida em que estes sugerem a representação de algo que serve para nortear viajantes, indicar caminhos, apontar lugares, mas também requerem novas linhas, possuindo sempre uma riqueza geográfica pautada na lógica do devir, das descobertas inusitadas e insuspeitas, no achamento de novas faces e novas fendas. O devir torna possível uma concepção do inconsciente dessubjetivado que está em constante movimento de construção, na contramão do que quer a psicanálise, quando esta preconiza o inconsciente, como depósito de impulsos estorvados, quarto escuro repleto de desejos reprimidos, o centro formador da subjetividade na época tenra da infância dos indivíduos. Ao se considerar a subjetividade como categoria heterogênea, na qual o corpo constrói para si outros modos de existências, aventa-se que a subjetividade está em constante devir, sendo necessário conceber a noção de multiplicidade, de modo que, onde antes havia

substância, apontando para a noção de essência, lugar último e profundo para além das “aparências”, há agora movimento constante de constituição e ausência das singularidades que emergem no mundo em toda sua multiplicidade.

Guattari e Rolnik (2008) defendem que a subjetividade não está inescapavelmente presa à antinomia interior/exterior. Não se trata de se conceber a subjetividade constituída por aspectos internos ou externos ao indivíduo, de maneira hirta e solidificada, mas de entendê-la a partir de formações provisórias. É sobre essa concepção de subjetividade, que tem sido abordada por Suely Rolnik e Guattari como sendo uma produção característica do sistema capitalista, que falaremos agora.

2.1. SUBJETIVIDADE E CAPITALISMO

Para Guattari (1992), as produções de subjetividades capitalísticas estão ligadas à construção de individualidades, com base em padrões socialmente definidos, ou seja, a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social em que devemos nos moldar de acordo com aquilo que é imposto. A subjetividade é, então, subordinada por valores sociais que sustentam o modelo de produção dominante do capitalismo.

É no interior do Estado Nação que ocorrem os processos de subjetivação, havendo uma produção de desejos, modos de sentir, modos de viver, modos de pensar. Essa produção de desejos se dá através de agenciamentos de poder, implementados por instituições como a escola, a família, a mídia e a imprensa, que conseqüentemente acabam determinando aquilo que o sujeito deve ser, o modo como percebe o mundo, e a maneira como deve agir sobre ele, configurando-se, deste modo, uma típica subjetividade capitalista.

Este processo de construção da subjetividade se dá a partir da mídia, família e padrões e modelos que são impressos e expostos na sociedade. A mídia impõe padrões estéticos, éticos e políticos, influenciando cada vez mais os modos de pensar e de agir no mundo, modelando as subjetividades a partir de uma lógica de mercado, que ganha robustez e força mediante os discursos propagados pela mídia, conjunto de canais que difundem e reforçam, por exemplo, a prática do consumo desenfreado como significado maior da vida.

No livro *Micropolítica: cartografias do desejo*, Guattari e Rolnik (2011) expõem as forças sociais que administram o capitalismo hoje, produzindo subjetividades, em sua maioria, a partir da padronização de comportamentos e pensamentos alienantes. Os modos de se comportar, se relacionar, pensar e sentir das pessoas passam por um leque de possibilidades

que são na verdade determinadas pela lógica de aparente liberdade do sistema capitalista. “O capitalismo se apodera dos seres humanos por dentro” (GUATTARI, 1992, p 37).

Partindo da produção da subjetividade capitalista, o desejo surge como busca modelada através dos agenciamentos de poder: a família, a escola, a mídia etc. Nesse sentido, o que se pode afirmar é que o desejo, dessa maneira formulado, trata-se de construção, de produção, algo que escapa aos indivíduos, embora estes pensem ser seus os desejos que nutrem.

Deleuze e Guattari (1995) apresentam três funções dessa subjetividade capitalista. A primeira é chamada de *Culpabilização*, segundo a qual, para poder expressar um pensamento, é necessário sermos autorizados pelas instituições de poder. O tão propalado e propagandeado “direito de expressão”, que em tese significa que a liberdade para dizer o que se pensa, a autonomia para expressar o que se deseja, seria, na verdade, um valor determinado de fora, existente apenas na medida em que é amplamente vigiado, com culpabilidades e punições previstas em caso de extrapolação do que é autorizado se dizer. A segunda função da subjetividade capitalista é a *Segregação*, a qual define quem faz parte de determinado grupo, no caso a elite, e que, portanto, estaria autorizado para reproduzir ou expressar determinada opinião, da qual, evidentemente por estar atrelada a certos interesses bem delineados, não se produz nenhum outro modo de existência. Há apenas reprodução, visando à manutenção e à perpetuação da ordem. A terceira função é a *Infantilização*, que consiste na tutela do Estado, tudo por ele determinado e legitimado.

Diante disto, podemos perceber que a sociedade da qual fazemos parte, e na qual estamos intrinsecamente inseridos, baseia-se no pressuposto de uma padronização da subjetividade e do desejo. A sociedade capitalista é uma fábrica de subjetividade homogeneizadora, produtora de modos estabelecidos de como homens e mulheres devem se apresentar ao mundo, sugestionando/impondo modos de se comportar ante as demandas concretas que formam o mundo da vida, fortalecendo, assim, a ideia “inexorável” de que devemos nos enquadrar a determinado padrão social.

Para a autora Machado (1999), a produção de subjetividade está diretamente ligada ao sentido externo, em que estão implicados os efeitos das práticas sociais. Tais efeitos contribuem no processo de produção e construção do sujeito. Descarta-se, então, o modelo universal de subjetividade vinculado à ideia de sujeito como marca indelével que já faz parte da constituição identitária e da personalidade dos indivíduos, como uma essência estruturada.

Sustentando essa tese, segundo a qual as pessoas continuam marcadas e decalcadas por padrões impostos pela sociedade sem se darem conta de que suas subjetividades estão sendo

produzidas por diversos dispositivos de poder, os autores Deleuze e Guattari (1995), por outro lado, afirmam existem possibilidades de ruptura dos modelos padronizados da subjetividade. Tais possibilidades de ruptura fazem parte, segundo os autores, de processos a que denominaram de singularização da subjetividade, conforme abordaremos no próximo item.

2.2. SINGULARIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Os autores Deleuze e Guattari (1995) propõem uma definição segundo a qual a subjetividade é formada como um sistema aberto e pulsante que se constitui como movimento contínuo, ou seja, concomitantemente enquanto processo e produção. Tal movimento contínuo, por sua vez, conduz o indivíduo a permanecer em constante mudança com o mundo, suscetível a um conjunto vertiginoso de amplas, variadas e constantes influências, fazendo desse indivíduo o resultante de estímulos diversos que vão muito além das suas percepções e de suas apreensões de mundo, na medida em que se conecta com a multiplicidade de fatores que compõem a realidade em que é formado e posto em conexão com múltiplos elementos, tais como: as relações familiares, cultura, religião, a mídia, entre outros. Neste sentido, e refletindo sobre tal definição de subjetividade, temos as palavras de Guattari e Rolnik (2011, p. 33), que afirmam que:

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização.

Temos, então, que o processo de singularização da subjetividade é algo que possibilita ao sujeito uma resistência aos modelos de subjetividade forjadas no capitalismo, contrapondo-lhes novas formas de subjetividade a partir de enfrentamentos radicais e cotidianos no seio das relações intersubjetivas que se dão em estruturas de poder como a família, a relação entre amigos, as relações amorosas. Singularidades são constituídas a partir dessa resistência aos modelos confeccionados socialmente e disseminados de subjetividade.

Para os autores, só existe uma outra possibilidade de subjetividade na medida em que ocorrem processos de agenciamento que são capazes de construí-la, agenciamentos de si, que implica potencial de expressão e criação, contrapostos aos agenciamentos de poder,

configurados nas relações e nas instituições constitutivas do modo de produção e distribuição capitalista.

A noção de singularização, compreendida como processo que inclui possibilidades de resistência dos indivíduos aos agenciamentos de poder modeladores de subjetividades, com traços marcadamente padronizados, e que repercutirá inclusive nas novas formas de ação e participação políticas pelos vários movimentos de lutas identitárias, aproxima-se do que Foucault chamava de “cuidado de si” (apud DELACAMPAGNE, 1997, p. 255), cujo pensamento pode ser resumido nas seguintes palavras:

O tema de “construção de si”, pensado e discutido em Foucault, também lhe fornece o meio de efetuar uma síntese entre a sua concepção hedonista da ética e a sua visão libertária da política. Segundo ele, intensificando seus prazeres, longe de toda preocupação repressora e de toda obsessão emancipadora, o indivíduo se livra do papel estático que a cultura ocidental impõe ao “sujeito” humanista e contribui assim para subverter o campo social mais eficazmente do que faria qualquer ‘ideologia’ (DELACAMPAGNE, 1997, p. 255).

O processo de singularização, para Machado (1999), é caracterizado por ser auto modelador e por possibilitar a construção de seus próprios registros e de suas ações ao entrar em contato com as diferentes situações de poder e padronização arquitetadas e difundidas pelas engrenagens de poder no âmbito da sociedade capitalista. A singularização consiste num processo que organiza a formação da subjetividade de maneira a não permanecer dependente de poderes dos mais diversos. Este processo de singularização permite ao sujeito ser afetado por experiências, exercitando cotidianamente o movimento de construção e desconstrução de si. É um movimento que possibilita o constante devir e liberta a potência criadora da vida. Assim, Guattari (1992) propõe que reinventemos modos de existência singulares, distanciados da mera reprodução de padrões comportamentais veiculados pela mídia ou por outros mecanismos de difusão e padronização de comportamentos e de apreensão do mundo. O processo de singularização faz referência a uma simples maneira de viver, de sobreviver num determinado lugar, num determinado momento. Consiste num evento que se insere dentro do processo de constituição da subjetividade, capaz de operar uma transgressão na medida em que ao, *ser-dado*, modos de subjetividades agenciadas por centros de poder, contrapõem o *poder-ser*, que se configura, enquanto materialidade, por exemplo, mediante a produção artística.

3. *MISS ALGRAVE*: A COMPOSIÇÃO DE NOVOS TERRITÓRIOS DA SUBJETIVIDADE FEMININA

“Redondo sem início e sem fim, eu sou o ponto antes do zero e do ponto final”.

(Em *Um sopro de vida*, de Clarice Lispector)

A obra narrativa de Clarice Lispector, marcada pela representação intimista da realidade, destoando, em alguma medida, da literatura social que a precedeu na linha de nossa historiografia literária¹, evidencia-se, sobretudo em sua contística, por certo psicologismo de acentuado caráter onírico (TORRES, 1990). A investigação temática realizada por sua escrita, muitas vezes quase surreal, ainda assim não parece excluir a visão clara de uma sociedade que impõe códigos de postura, modelos de comportamento e exclui alguns sujeitos e grupos humanos. A discussão existencial das dores do ser humano incorpora, de maneira evidente, a representação da realidade da mulher. Representação que, oscila entre a resistência e o conformismo, a transgressão libertadora e a obediência cristalizada pelo cansaço.

O conjunto da obra demonstra uma dialética cujo fluxo é flagrado no jogo ambivalente da interdição social e cultural (imposição feita a certos sujeitos e grupos, como a mulher), da construção e distribuição de modelos de subjetividades, do conflito transgressão/conformismo e da consequente, porque inescapável, crise da subjetividade. A crise é posta muitas vezes pela transformação ou pela comodidade da fadiga existencial e seu aparente sossego. A linguagem de seus romances e contos toca em muito a poesia. E assim o faz muito por conta de certo lirismo onírico flagrante, da transmutação mítica ou figurada que se opera por intermédio do recurso da epifania. Percepção reveladora, tantas vezes modificadora do enredo que preenche o universo ficcional, transformadora do modo de agir e de pensar da personagem, “[...] uma manifestação espiritual súbita, em que o objeto se desvenda ao sujeito. Trata-se, em última instância, do modo de se ajustar um foco ao objeto, pelo sujeito.” (GOTLIB, 2006, p. 51).

¹ Bosi (2006) situa a produção literária de Clarice Lispector no conjunto de obras que ele denomina de “tendências contemporâneas” elaboradas e postas em nossa cena literária a partir da década de 1950. Notadamente marcada pela abordagem psicologizada e existencial da realidade, as narrativas da escritora empreendem experiências estéticas que oscilam e/ou progridem (se assim se pode dizer) da “[...] ficção egótica à ficção suprapessoal” (p. 422). Nesta perspectiva, diferem radicalmente da produção narrativa que lhe antecede, de caráter social e realista, ou seja, a fase modernista de 30. Parece óbvio, também, que tal abordagem psicologizada e existencial não apaga o que há de busca pela compreensão dos dramas humanos vivenciados por indivíduos concretos em situações sociais concretas.

A epifania em Clarice Lispector não raro se configura mediante o recurso próximo do fantástico ou do insólito. Consiste numa captação da visualidade do mundo. De acordo com Torres (1990, p. 71-72),

A epifania em Clarice constitui-se como uma visão que recai sobre acontecimentos insólitos do cotidiano, desencadeando um verdadeiro torvelinho de emoções e sensações imprevistas e inesperadas [...], processando-se, assim, a demolição do real, enquanto abre-se caminho para a reconstrução do ficcional. [...] Mas essa visão que se propõe fulgurante, profunda e modificadora, é também dura e difícil.

Como veremos, este é o caso do conto *Miss Algrave*. Do livro *A via crucis do corpo* (2000), uma obra marcada pela ambivalência do transbordamento, sobra, excesso, falta, carência. A narrativa retrata a história de Ruth Algrave, mulher pudica e virgem, datilógrafa puritana, que mora em Londres. Filha de um pastor protestante já falecido, vivia sozinha, embora ainda tivesse a mãe e um irmão. A sensorialidade de sua vida, resumida na monotonia das idas de casa para o trabalho e do trabalho para casa, é marcada no início da narrativa pela descrição de uma existência emparedada pelo julgamento da instituição familiar e religiosa, ambas notadamente definidoras da autorrepressão que rege a vida da personagem. Ela considera-se culpada até pelos desejos e brincadeiras de tonalidades eróticas dos tempos da infância e expressa repugnância por tudo que se refere aos desejos da carne, aos prazeres advindos da imersão na realização de tais desejos.

Ela era sujeita a julgamento. Por isso não contou nada a ninguém. Se contasse, não acreditariam porque não acreditavam na realidade. Mas ela, que morava em Londres, onde os fantasmas existem nos becos escuros, sabia da verdade.

Seu dia, sexta-feira, fora igual aos outros. Só aconteceu sábado à noite. Mas na sexta fez tudo igual como sempre. Embora a atormentasse uma lembrança horrível: quando era pequena, com uns sete anos de idade, brincava de marido e mulher com o primo Jack, na cama grande da vovó. E ambos faziam tudo para ter filhinhos sem conseguir. Se era culpada, ele também o era.

Solteira, é claro, virgem, é claro. Morava sozinha numa cobertura em Soho. Nesse dia tinha feito suas compras de comida: legumes e frutas. Porque comer carne era considerado pecado

Quando passava pelo Picadilly Circle e via as mulheres esperando homens na esquina, só faltava vomitar. Ainda mais por dinheiro! Era demais para se suportar! E aquela estátua de Eros, ali indecente.

[...] Tomava banho só uma vez por semana, no sábado. Para não ver seu corpo nu, não tirava nem a calcinha nem o sutiã. (LISPECTOR, 2000, p. 13-14).

Observe-se, no entanto, que a personagem não vive num mundo medieval, de aspectos profundamente católicos, nem na época vitoriana, marcada inexoravelmente pelos pudores e repressões protestantes. Seu passado familiar, e sua intensa influência religiosa, decalcam o seu presente. Sua subjetividade carrega pesadas e densas nódoas dessa aprendizagem. Mas o

mundo em que vive é a sociedade moderna, com suas fraturas, suas cópulas entre narrativas, apelos e demandas. Há nesse mundo a oferta de prazeres mais intensos e mais corpóreos. O Mercado, enquanto instituição organizada, embora volúvel e quase invisível, da modernidade, tem também suas próprias formas de agenciamento, de formulação de subjetividades. A modernidade e suas descontinuidades históricas. É um mundo, a um só tempo, cristão e pagão, arcaico e avançado, aprisionante e pronto para satisfazer os apelos das compulsões por ele mesmo criadas. Ruth Algrave amedronta-se diante dele e toma para si o escudo de uma subjetividade marcada pelo asco, pela repugnância, pela ojeriza a quase tudo que o lado “sofisticado” e “moderno” desse mundo oferece, impõe.

E nunca entrara num pub: nauseava-a o cheiro de álcool, quando passava por um. Sentia-se ofendida pela humanidade. [...] Então dirigiu-se ao Hyde Park e sentou-se na grama. Levava uma Bíblia para ler. Procurou não olhar os casais que se beijavam e se acariciavam sem a menor vergonha. [...] Na televisão de Mrs. Cabot vira um homem beijando uma mulher na boca. E isso sem falar no perigo da transmissão de micróbios. Ah, se pudesse escreveria todos os dias uma carta de protesto para o Time. Mas não adiantava protestar, ao que parecia. A falta de vergonha estava no ar. (LISPECTOR, 2000, p. 14-15)

Aqui vemos delineadas algumas características da subjetividade da personagem protagonista a partir dos modos como apreende a sexualidade, seus interditos e seus apelos. A sociedade é um conjunto de eventos caóticos de dominações e servidões, liberdades e liberalidades ofertadas e impostas ao processo de constituição da subjetividade. Há um conjunto de normas arcaicas e ultrapassadas que, no entanto, teimam em habitar o universo da personagem, ao passo há também um novíssimo aparato de normatizações ou sugestionamentos liberalizantes que invadem as configurações modernas de comportamentos, sobretudo no âmbito das urbanidades: pubs, praças, televisão, revista, jornal. Em meio a tudo isso, o asco da individualidade, imersa na ojeriza pelo erotismo. Todo um conjunto desordenado, múltiplo e variado, de normas e sugestões que regulamentam e que produzem organismos sociais. Trata-se de uma produção social cuja finalidade é a disciplinarização dos corpos, seja de um modo ou de outro. É a padronização, gestão e a administração das individualidades. Mas o que significará esse caos, que interfere na configuração da subjetividade? Segundo Rolnik (1999, p. 01-02)

[...] o caos da contemporaneidade, com certeza, não se trata de um mero modismo, mas de uma exigência que a realidade vem nos colocando: enfrentá-lo, repensá-lo, reposicionar-se diante dele - mesmo que muitas vezes a insistente evocação dessa palavra vise, pelo contrário, evitar tal enfrentamento e conjurar o pavor que o caos certamente mobiliza. Que mudanças se estariam operando nas subjetividades, hoje, para levá-las a revisar seu conceito de caos e de ordem, assim como da relação entre

ambos? Primeiro, duas palavras acerca da noção de subjetividade. Todo ambiente sócio-cultural é feito de um conjunto dinâmico de universos. Tais universos afetam as subjetividades, traduzindo-se como sensações que mobilizam um investimento de desejo em diferentes graus de intensidade. Relações se estabelecem entre as várias sensações que vibram na subjetividade a cada momento, formando constelações de forças cambiantes. O contorno de uma subjetividade delinea-se a partir de uma composição singular de forças, um certo mapa de sensações. A cada novo universo que se incorpora, novas sensações entram em cena e um novo mapa de relações se estabelece, sem que mude necessariamente a figura através da qual a subjetividade se reconhece. Contudo, à medida em que mudanças deste tipo acumulam-se, pode tornar-se excessiva a tensão entre as duas faces da subjetividade - a sensível e a formal. Neste caso, a figura em vigor perde sentido, desestabiliza-se: um limiar de suportabilidade é ultrapassado. A subjetividade tende então a ser tomada por uma inquietude que a impele a tornar-se outra, de modo a dar consistência existencial para sua nova realidade sensível.

Essa contraposição do *poder-ser* ao *ser-dado*, que vai se operando no universo dos eventos em que se vê inserida a personagem, consiste na caracterização do processo de singularização. O processo desencadeia-se como turbilhão inescapável, produto da tensão desses mundos díspares, destoantes um do outro, e, no entanto, complementares. A subjetividade se vê empurrada para outras formas de apreender o mundo, se comportar diante dele. A singularização é a descoberta e a experienciação de “[...] novos modos de subjetivação, fora das malhas do poder. De modo que a lógica de um pensamento consiste no conjunto das crises que ele atravessa, assemelhando-se mais a uma cadeia vulcânica do que a um sistema tranquilo próximo do equilíbrio” (DELEUZE, 2007, p. 106).

No mundo de Ruth Algrave, o limiar da suportabilidade é ultrapassado. A transformação é repentina, vertiginosa, radical, vulcânica. A tensão de que é feito o seu cotidiano, e as forças que o compõem, acabam por resultar na apreensão epifânica da face oculta de sua individualidade. O evento narrativo insólito instaura essa visão nova. É o processo de singularização.

[...]

Foi então que aconteceu.

Sentiu que pela janela entrava uma coisa que não era um pombo:

- Quem é?

- Eu sou um eu.

Quem é você? Perguntou trêmula.

- Vim de Saturno para amar você

- Mas eu não estou vendo ninguém! Gritou.

[...]

Ela tirou a camisola. A lua estava enorme dentro do quarto. Ixtlan era branco e pequeno. Deitou-se ao seu lado na cama de ferro. E passou as mãos pelos seus seios. Rosas negras.

Ela nunca tinha sentido o que sentiu. Era bom demais. Tinha medo que acabasse. Era como se um aleijado jogasse no ar o seu cajado.

[...]

Aconteceu. Ela queria que não acabasse nunca. Como era bom, meu Deus. Tinha vontade de mais, mais e mais.

Comeu *filet mignon*. A carne sangrenta era ótima. E tomou vinho tinto italiano. Era mesmo privilegiada. Fora escolhida por um ser de Saturno. [...] Sentia-se bestial. Não tinha mais nojo de bichos se amando. Também não tinha mais repulsa pelos casais do parque.

Como era bom viver. Como era bom comer carne sangrenta. Era agora imprópria para menores de dezoito anos.

[...]

Não aguentando mais, encaminhou-se para o Picadilly Circle e achegou-se a um homem cabeludo. Levou-o ao seu quarto. Disse-lhe que não precisava pagar. Mas ele fez questão e antes de sair deixou na mesa de cabeceira uma libra inteira! Bem que estava precisando de dinheiro.

[...]

Na segunda-feira não foi mais trabalhar como datilógrafa, tinha outros dons. Ia era ficar mesmo nas ruas e levar homens para o quarto. (LISPECTOR, 2000, p. 16-20).

Todo o conjunto de reações e ações da personagem transforma-se radicalmente. A apreensão de mundo e os modos de se comportar diante da realidade concreta do cotidiano modificam-se. Ruth Algrave agora se vê uma outra pessoa, uma outra mulher.

A narrativa de Clarice tem essa característica de, em um dado momento da trama, do enredo, ocorrer a culminância de um processo mediante o estopim de um evento narrativo insólito que implica em uma visão que põe suas personagens num limbo de uma compreensão de mundo para outra. Segundo Torres (1990, p. 73),

Na eterna procura do tempo perdido, misturam-se presente com passado e dão-se conta de que o tempo emocional não pode ser confundido com as horas do relógio. Nesse processo associam-se fluxo de consciência e epifania [...], uma forma de captação do cotidiano, incompleto, aberto, enfim, o devir.

Há uma ultrapassagem dos limites do eu dividido. Para além das bordas nesses quadro de tensão, uma novo modo de subjetividade espera constituir-se. Um dado modo de ver o mundo é superado. Cria-se uma condição de abertura para um outro devir. Com novos contextos de forças. Embora o processo seja gradual, o salto irrompe, é súbito. A nova visão toma conta de toda a individualidade. Tal processo, é óbvio, radicalizado pelo salto epifânico, não transcorre, depois da transformação, da transgressão operada, sem quedas, transtornos, desilusões, enfim, sem uma nova crise, uma vez que,:

O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 33).

Não é algo que possa ou deva ser explicado. É apenas algo que ocorre e faz com que o sujeito descontinue o seu curso. Ele é arremessado para uma encruzilhada, uma fronteira de onde se vislumbra o descaminho. Nada há de semelhante com a estrada precedente. O novo caminho, não é uma continuidade do velho caminho. Trata-se de uma dimensão fora dele. O Antigo percurso em nada se corresponde com o atual. Ele foi apenas uma condição, para se escapar dele mesmo. Este salto, possibilitador de uma nova subjetividade, calcada numa energia transgressora, que resiste aos agenciamentos de poder, não conduz a nenhum paraíso sem crise. Novas rupturas sucederão e, nesse processo de singularização, novas formas de subjetividade vão se formando.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, enquanto atividade que insere no campo das elaborações artísticas, trata-se de uma produção, sobretudo estética. É neste campo fenomenológico que ela se inscreve. Mas produções artísticas estão inquestionavelmente ligadas às circunstâncias sociais, culturais e políticas caracterizadoras de um dado tempo histórico e de uma sociedade específica. O tempo, o lugar, e suas vicissitudes e eventualidade demarcadoras de sua concretude cotidiana, não são de modo algum categorias da vida humana dissociadas do conjunto de produções simbólicas em dado contexto. Desse modo, estética e ética se associam no universo das produções artísticas. Portanto, a literatura, elaborando e discutindo o real, propõe, sugere, aponta novas formas de observar e apreender o mundo, a sociedade, o tempo histórico, alumando no horizonte o devir. Ela sugere uma operação que consiste na confecção do *poder-ser* em contraposição dialética ao *ser-dado*. Segundo Bosi (2002, p. 121),

[...] diante do *princípio da realidade*, com toda a sua dureza que rege a realização dos valores no campo ético, a escrita literária trabalha não só com a memória das coisas realmente acontecidas, mas com todo o reino do possível e do imaginável. O narrador cria, *segundo o seu desejo*, representações do bem, representações do mal ou representações ambivalentes. Explorando as técnicas narrativas, o narrador leva ao primeiro plano do texto ficcional toda uma fenomenologia de resistência do *eu* aos valores ou antivalores do seu meio.

Entretanto, no conto sobre o qual intentamos elaborar uma interpretação com base nas discussões sobre subjetividade, formas de exercício e exercimento da subjetividade, processos e estratégias de singularização, sugeridas por Deleuze e Guattari (1995) e Rolnik (1999), fica evidente tal marca da fenomenologia literária: a resistência do eu aos valores ou antivalores do meio em que se insere, em que se produz enquanto subjetividade, enquanto pode operar e experimentar táticas de resistência contrapondo-as às estratégias dos agenciamentos de poder, delineadoras de subjetividades padronizadas e obedientes. Táticas de singularização.

Em *Miss Algrave*, opera-se essa ideia de resistência, tanto através da tematização quanto do processo que caracteriza a escrita. Ruth Algrave, mulher submetida a um conjunto de normas que a fazem ver e se comportar no mundo se sentindo ofendida por tudo o que lembre o amor erotizado, demonstrando asco e ojeriza aos desejos da carne, transforma-se radicalmente, como vimos, mediante um evento epifânico e insólito. O insólito marca essa resistência ao *ser-dado* da realidade cotidiana, ofertando ao eu uma nova forma de subjetividade, um *poder-ser*, táticas, afinal, de singularização.

Acreditamos ter obtido êxito em nosso objetivo de analisar as configurações da subjetividade da personagem Ruth do conto *Miss Algrave*, de Clarice Lispector, a partir das elaborações teóricas sobre subjetividade e singularização dos teóricos já citados à exaustão. Queremos crer que, dentro dos objetivos traçados, conseguimos contribuir para o campo de discussões e abordagens interdisciplinares que entendem a literatura como uma produção humana intimamente relacionada aos fenômenos, eventos e episódios que marcam certa cultura, certa política, em dado tempo e em dada sociedade.

ABSTRACT

The literary writing of female authorship in Brazil, especially from the second half of the twentieth century, is characterized by the theme of the body as a space for women's emancipation possibilities. In this sense, the erotic aspect is worked as a locus of dramas in which stereotypes, power strategies and liberation tactics are involved. The work of Clarice Lispector (1926-1977) is inserted in this field of approaches. The woman, in Clarice, lives the experience of discovery and care for herself through the theme of the body and the revelations by which her female characters are brought about by the fuse of a process to which conventionally call in literary theory of epiphany. A dizzying process of elucidation and transformation of subjectivity that modifies the ways of feeling, perceiving and behaving in the world. In this sense, the present work aims to make an analysis of the configurations, displacements and transformations of feminine subjectivity portrayed in the tale *Miss Algrave*, prioritizing the analysis of the process of singularization of feminine subjectivity that occurs in Level of the protagonist of the narrative. For such an undertaking, we use as a theoretical contribution the elaborations of Gilles Deleuze (1995), Félix Guattari (2008) and Rolnik (2008) on the processes of subjectivity in the contemporary world. In our analysis, we have shown that the tale addresses the conflicts and tensions of the character Ruth Algrave in relation to its subjective processes. The subjectivity of the protagonist at first is tied to the regimes of truths and standards socially instituted since its infancy, but in the course of the plot she tries to get out of these subjective structures normalized, producing singularization movements Of their subjectivity, instituting a new way of being and of living.

Key Words: Clarice Lispector; Singularization of Subjectivity; Capitalism; *Miss Algrave* (Account).

REFERÊNCIAS

- ANDREATA, H. P.; TRAVASSOS, O. P. **Chaves para determinar as famílias de: pteridophyta gymnospermae angiospermae.** Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1994. 134p.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 2006.
- DEWS, Peter. Adorno, pós-estruturalismo e crítica da identidade. In: ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia.** Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- DELACAMPAGNE, Christian. **História da filosofia do século XX.** Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.(Início da introdução)
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI Félix. **Mil Platôs.** Volume I. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo Edições Loyola, 2012.
- GOTLIB, Nádía Batella. **Teoria do conto.** São Paulo: Ática, 2006.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose:** um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. – São Paulo: Ed. 34, 1992.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** cartografias do desejo. – 11. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. **Onde estivestes de noite.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida.** Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- MACHADO, Leila Domingues. Subjetividades contemporâneas. In: BARROS, Maria Elizabeth (org.). **Psicologia:** questões contemporâneas. Vitória: EDUFES, 1999.
- PORTIERI, Regina. **Clarice Lispector, uma poética do olhar.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

ROLNIK, Suely. Novas figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea. Em SANTAELLA, Lúcia. **Caos e Ordem na Filosofia e nas Ciências**. Publicado em 1999. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/novascaos.pdf>. Acesso em: 12 de dezembro de 2017.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. São Paulo: Vozes, 1979.

SILVA, Antonio de Pádua Dias. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: vozes de permanência e poética da agressão**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2010.

TORRES, Avenilda. O onirismo em Clarice Lispector. Em: **Momentos de Crítica Literária: seminário internacional de literatura**. Campina Grande: ABS, 1990.

VACCARO, Salvo. **Foucault e o anarquismo**. Tradução Gustavo Steinberg. Rio de Janeiro: Achiamé, 1998.